

XI Congresso Internacional de Estética e História da Arte

Rompendo Fronteiras: arte, sociedade, ciência e natureza



Organização:
Edson Leite

{PGEHAUSP}

MAC

São Paulo 2018

© – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 160 – Anexo – sala 01

05508-050 – Cidade Universitária – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br

www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-94195-22-7



Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Lourival Gomes Machado do Museu de Arte Contemporânea da USP

Congresso Internacional de Estética e História da Arte (11., 2018, São Paulo).

Rompendo fronteiras : arte, sociedade, ciência e natureza / organização

Edson Leite. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2018.

Xxx p. ; il.

ISBN

1. Estética (Arte). 2. História da Arte. 3. Sociologia da Arte. 4. Arte Ecológica. 5. Arte Pública. I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte. II. Leite, Edson.

CDD – 701.17

Capa: Arte sobre Logo do Evento

de: Guilherme Weffort Rodolfo

A presente documentação é um desdobramento do XI Congresso Internacional de Estética e História da Arte – Rompendo Fronteiras: arte, sociedade, ciência e natureza, realizado nos dias 23,24 e 25 de outubro de 2018 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo.

Narrativas latino-americanas: Memória, identidade, gênero e resistência

Alecsandra Matias de Oliveira¹

Resumo

O presente artigo discute produções de latino-americanas contemporâneas, abordando especialmente questões que envolvem aspectos relacionados à memória, à identidade e ao gênero. As obras foram selecionadas a partir de uma série de exposições que ocorreram no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo entre 2008 e 2010.

Palavras-chaves: arte contemporânea; arte latino-americana, memória; identidade, gênero.

Sob o foco dos países que pertencem ao bloco latino-americano as questões “de onde viemos?”, “quem somos?” e “para onde vamos?” refletem diretamente nos aspectos artísticos e culturais. Para os artistas contemporâneos e, particularmente, os que vivem as contradições e as peculiaridades da América Latina, o senso específico de lugar, de casa, de lar, assim como sua ideia de tempo, inclui as tradições e narrativas que unem o passado e o presente desses povos unidos pela diversidade. Essas tradições conectam o indivíduo à sua história contemporânea, moderna e colonial.

Na contemporaneidade, a promessa de uma globalização econômica e social apresenta suas limitações, porque permite a uma minoria os confortos desta condição e impõe a maioria à exclusão. Para a minoria beneficiada, os possíveis “agora” se desdobram em infinitas realidades dispersas. Para os excluídos, a sobrevivência muitas vezes está vinculada aos movimentos de migração e imigração. Para ambos os grupos, o desejo pode estar em todos os lugares e em todos os tempos. Em grandes cidades latino-americanas essa situação desenraiza o indivíduo, tornando-o “*homeless*” – um “sem casa”, destituído do sentimento de “em casa”; uma ausência de familiaridade com o mundo; certos modos de ser; sentidos compartilhados, crenças: a globalização impele o indivíduo à diáspora (à procura por uma identidade ou ainda à busca por memórias partilhadas) (VILAÇA, 1999, p. 32).

A identidade latino-americana é discutida com vigor desde a modernidade, porém, hoje, já não se absolutiza questões referentes aos agrupamentos, tais como: gênero, classe social, etnia, nacionalidade ou sistema social. A própria noção unificada e estável de subjetividade passa por profundas alterações. O sujeito apresenta maior mobilidade. A noção de indivíduo, assim como a de memória, influencia-se e dirige-se de acordo com as interações

¹ Doutorado em Artes Visuais pela ECA USP (2008). Atualmente, é especialista em cooperação e extensão universitária da Universidade de São Paulo, membro da ABCA e pesquisadora do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes – ECA USP.

deste com outros indivíduos e instituições. Assim, o sujeito não é apenas um, mas possui diversas gradações que se modificam de acordo com o tipo de relação que estabelece com seu entorno – suas memórias também terão a mesma mobilidade (POLLAK, 1992, p. 203).

É justamente o entorno habitado pelo sujeito que se altera a partir da contemporaneidade – a cidade atual torna-se fraturada e transitiva. O problema acirra-se nas cidades latino-americanas, uma vez que essas convivem com o arcaico, o moderno e o contemporâneo simultaneamente em seu cotidiano (CANCLINI, 1998). Por consequência, o sujeito, antes duvidoso de sua unidade, está se tornando cada vez mais fragmentado e temporário, já que as bases sobre as quais ele constrói sua identidade não são mais previsíveis, mas, ao contrário, variáveis.

Na edificação do lugar contemporâneo, há uma estreita relação entre a memória e o sentimento de identidade.² Nessa construção da identidade, há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido ético e psicológico. Desse modo, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que também é fator relevante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (HALL, 2000, p. 41).

“O estabelecimento da identidade é um processo cultural e simbólico realizado a partir de diversos enraizamentos” (WEIL, 2001, p. 32). Esses enraizamentos se estabelecem a partir do contexto de tempo e de espaço, nos quais o indivíduo procura os elementos constituintes de sua identidade mutável. Os membros de um grupo particular como aqueles ligados por gênero, faixa etária, estrato social, etnias, religião, possuem uma extensa rede de articulações tanto na linguagem como nas crenças partilhadas de uma localidade. Dentro das linguagens possíveis, as artes visuais apresentam-se como campo aberto para o surgimento de diversos discursos, porque são capazes de espelhar as diferenças ocultas sob muitas outras – até mesmo em indivíduos com ancestralidade e história em comum. Com essas condicionantes, os indivíduos deslocam-se tão aceleradamente por espaços reais e virtuais que parecem estar sempre no mesmo lugar, sentindo o vazio de não chegar a lugar algum.

Afinal, na contemporaneidade, o indivíduo está em algum lugar ou em lugar nenhum? A arte pode resgatar a sensação de lugar perdido (o sentimento de “em casa”)? Pode construir um lugar passível de relações identitárias e históricas? Existe nas artes visuais a criação de

² Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais conhecido. O sentido da imagem de si, para si e para os outros.

espaços plásticos e afetivos que contam e compartilham as memórias especificamente latino-americanas ou são memórias híbridas que vivem a mundialização em debate com o local?

Para o artista contemporâneo, o cultivo da memória é, acima de tudo, uma busca de reafirmação do que o passado significa. Para os latino-americanos, esse passado é marcado pelas diferentes formas de colonização e de direção pós-independência. Mesmo a memória coletiva que geralmente serve a propósitos políticos ou de orientação de conduta, sendo imposta ao grupo por uma determinada instância superior (um governo, uma religião ou numa instituição), sofrendo uma série de intervenções e revisões ao longo do tempo, manipulada para servir a determinados propósitos, na produção artística tem sua afirmação ou negação. Para os artistas a memória pode servir como um propósito cognitivo, um esforço de apreensão de um fato ou momento que remete ao coletivo (artista e público) uma reflexão sobre o que foi ou o que poderia ter sido – a suspensão de um momento muitas vezes eternizado no espaço expositivo ou na percepção do objeto estético, em uma narrativa fragmentada, indireta e que não permite possibilidade de leitura única e linear.

Na contemporaneidade, a sensação de descontinuidade, desencalhe e fragmentação geram um sentimento de pouca “intimidade” com a realidade, o que pode justificar o crescente desejo de expressão e busca de sentido pessoal que permeia a produção artística, especialmente, a latino-americana de meados dos anos de 2000. Os trabalhos apresentam-se, cada vez mais, narrativos, autobiográficos e autorreferenciais. A memória, o corpo e, em alguns casos, a história e a localidade são impressos nos objetos estéticos como forma de especificidade.

As buscas destinam-se ao relato de histórias individuais, às particularidades das origens dos artistas, à genuinidade de lugares, ao entendimento do cotidiano urbano e do seu papel na sociedade. Contudo, todos procuram, através do trabalho artístico, dar sentido à existência, seja a sua própria ou a da coletividade. No mundo atual, pressionado por uma força de “pasteurização” de valores, surgem propostas de reafirmação da individualidade e da localidade, utilizando a memória como arma de “resistência”. Bruna Truffa, por exemplo, revela o cotidiano de mulheres revestidas por sua condição subalterna, durante os dias do calendário e o suceder dos dias da semana condicionam sua vida à existência doméstica. A instalação é composta por pequenas telas; em cada uma delas, ao fundo, uma paisagem latino-americana, contribuindo com as ideias de “lugar” e de “pertencimento” ou ainda com as imagens geográficas que temos resguardadas pela memória (**Figura 1**).



Figura 1. Bruna Truffa (Arica, Chile, 1963), *Território Doméstico* (detalhes), óleo sobre tela, 2008. Exposição Mulheres Artistas. Relatos Culturais, 2009, curadoria Lisbeth Rebollo Gonçalves e Claudia Fazzolari.

Já na instalação *Idêntica Identidade* (**Figura 2**), Bernadita Vattier nos oferece diferentes máscaras que incitam o visitante a vesti-las e refletir-se nos inúmeros espelhos do trabalho. Como um jogo instável, as trocas de identidade revelam aparências efêmeras e mostram indivíduos com mil rostos e, ao mesmo tempo, ocultos. A alternância do visível em invisível, ou seja, do rosto em máscara e, dessas em faces, novamente, acabam por criar uma multiplicidade de aparências, às vezes, estranha ao próprio visitante da obra.



F
figura 2.
 Bernardita Vattier (Valparaíso, Chile, 1944), *Identica Identidad*, instalação com espelhos, serigrafias e máscaras, 2003. Exposição Instalações MAC USP, 2009, curadori

a Lisbeth Rebollo Gonçalves.

O fascínio dos artistas por histórias relaciona-se à atração pela convenção (na permanência ou na ruptura dela), pela nostalgia e pela memória das narrativas já conhecidas. Esse fascínio transforma a produção dos artistas contemporâneos em obras/textos, cobertas de “narrativas enviesadas” (CANTON, 2008) ou abertas para si mesmas:

A arte torna-se comentário sobre o tempo e a vida, que toma o corpo de uma escritura, tão subjetiva como o próprio alfabeto. É conhecimento flexível mais imprescindível – um conhecimento que se abre ao observador como um estranho livro, que a narrativa contida se assume de acordo com seu próprio olhar (CANTON, 2008).

A arte como comentário abre espaço para diferentes linguagens e, mais do que isso, para figuras de linguagens, ou, ainda, metáforas (do grego, *metaphora* = transporte, junção) diversas que narram os acontecimentos e sentimentos envolvidos na contemporaneidade. Através da metáfora, a arte expressa formas de conhecimentos possíveis e atuais. Essas metáforas são cada vez mais complexas. Podem estar encravadas nas poéticas visuais ou representar uma circunstância específica vivenciada pelo o artista e seu público. Podem estar presentes em elementos compositivos na obra ou até mesmo surgirem pela ausência destes.

Nesse contexto, emerge a discussão referente à seriação, repetição, acumulação e citação – elementos compositivos transmissores de metáforas.³ Esses elementos têm reminiscências na arte moderna, porém na contemporaneidade assumem linhas radicais. Os artistas contemporâneos através da seriação, repetição, acumulação e citação de elementos na produção estética misturam mitologias públicas e privadas. Jogam, metaforicamente, com as memórias pessoais e coletivas. Através desses elementos, a obra de arte não está isolada na sua forma objetual, mas abrange diferentes variantes: poética do artista, vida, técnica, elementos compositivos, entre outros fatores.

Em seu trabalho, Sergio Meirana faz uso da tradição do entalhe para comentar questões contemporâneas. A pequena figura portando uma valise que se multiplica por suas criações assume a forma de um ícone do homem de hoje, movendo-se incessantemente entre os diversos papéis que exerce em seu dia-a-dia como trabalhador, cidadão, sonhador ou sofredor (**Figura 3**).

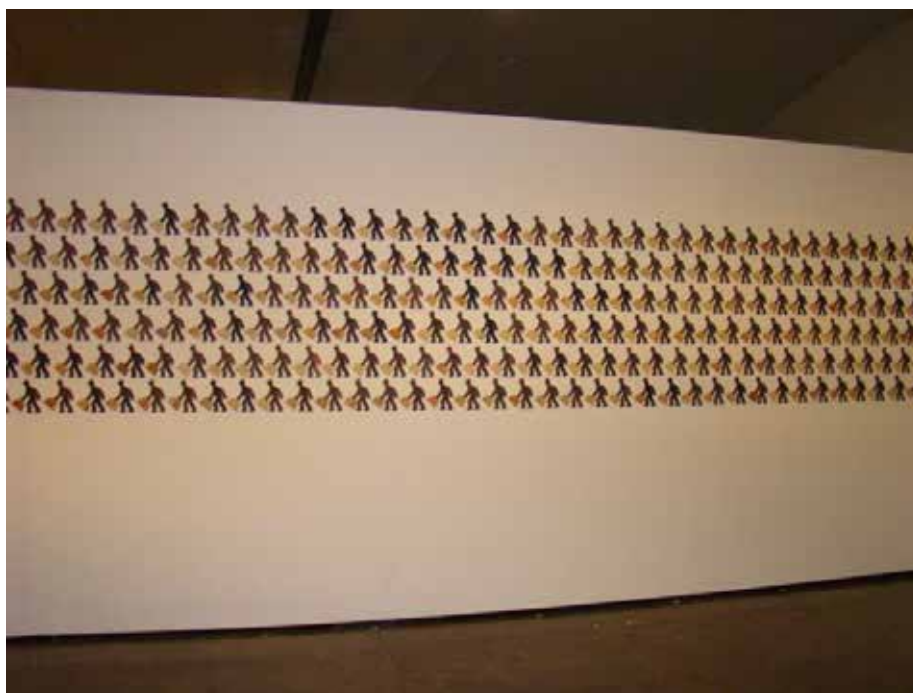


Figura 3. Sérgio Meirana (Montevideu, Uruguai, 1952), *Instalación, sin título*, 2008. Técnica mista, entalhe em madeira, combinação de diferentes materiais. Exposição Superfícies da Memória, 2008, curadoria Sylvia Werneck.

A repetição de elementos compositivos apresenta-se como a confirmação do presente que não envelhece que se condiciona em transe celebrativo. O mesmo elemento se repete

³ Com exceção da citação, os outros elementos foram amplamente discutidos por Sonia Salzstein, durante as aulas da Disciplina de Pós-Graduação *Arte Brasileira dos Anos 80 à Atualidade: Perspectivas da Crítica de Arte*, no primeiro semestre de 2007.

obsessivamente durante a trajetória do artista, como por exemplo, as bandeirinhas de Alfredo Volpi. Já a seriação pode ser repetição (e vice-versa). Porém, se configura como seriação que assume uma forma sistêmica, articulada pela experiência artística e que desnaturaliza o sistema clássico de representação. Na seriação o elemento se transfigura como se ocorresse uma “nova variação sobre o mesmo tema”. A acumulação, na modernidade e contemporaneidade, é liberada pela permissividade e pelo desperdício da indústria e da tecnologia, gerado pelo fenômeno de fetichização e patronização da cultura – este procedimento sobrepõe repetição e seriação. A citação advém da necessidade dos artistas em usar arquétipos universais e inevitáveis. Estes seriam utilizados de modo articulado e transformados em arte representacional, ou ainda, serem suprimidos, com o risco de simplesmente dar uma nova roupagem às alegorias tradicionais (JENCKS, 1987, p. 32), conferindo-lhes certo “ar contemporâneo” e falso, ao invés de propor novas investigações sobre os temas do passado.

Muitas vezes, na arte contemporânea – em particular a produzida por artistas latino-americanos – as narrativas não se prestam à exaltação de eventos e tão pouco à grandiosidade de um homem envolvido em ações nobres. Inexiste uma moral implícita, as alegorias, nem sempre identificáveis, tangenciam histórias difusas, possibilitando um labirinto de especulações, muitas vezes utilizadas sob o pretexto de “retorno à pintura” e ao “exercício do retrato de uma visão particular”. A hierarquia clássica e o lugar dos acontecimentos desaparecem e são substituídos pela associação enigmática e democrática com ares antigos. Há uma “presença da ausência”, um “sentimento de que a cultura há muito se foi e de que a festa está em outro lugar” (JENCKS, 1987, p. 46).

A figura humana retorna ao cenário artístico, porém, apresenta um desequilíbrio perturbador, um aspecto de fragilidade e cansaço. Na representação contemporânea, em algumas poéticas, a figura humana está recortada e fora do centro da composição. O homem deixa de ser o centro e a medida de todas as coisas, resta-lhe somente observar atônito o cotidiano para dar o seu próximo e indeciso passo carregado de obscuridade e melancolia, mas, paradoxalmente, com certa dose de ironia (JENCKS, 1987).

A dúvida e o ceticismo pairam sobre qualquer tentativa de imposição de “grandes verdades”, resta à autoconsciência perceber que a inocência se perde e que será necessário “ir além”, não se prendendo às teorias e às descobertas científicas. É necessária uma aceitação, sem restrições, às manifestações culturais de outros setores da sociedade (JENCKS, 1987).

Essa atitude torna-se contrária ao modernismo que propõe uma elite “avant gard” *versus* uma cultura de massa, sem possibilidades de pontos de contato. Os procedimentos de

repetição, seriação, citação e acumulação mimetizam e criticam a racionalidade técnica, utilizando principalmente a memória do artista que se refere às metáforas envoltas nos procedimentos, mas também a do espectador, responsável por decodificar as memórias guardadas.

Desse modo, a estreita ligação entre arte e memória decorre de suas implicações narrativas, cognitivas e emotivas. Sob essa perspectiva, retoma-se a ideia de cidade (coloque-se, nesse contexto, também as concepções de nação e comunidade – o lar, a casa) não é tão somente uma identidade política ou social, mas um sistema simbólico de produção de sentidos, de representação cultural e de discurso. As cidades latino-americanas, assim como a produção de seus artistas, surgem, então, como produto da sobreposição de épocas, dos extratos temporais da memória (**Figura 4**).



Figura 4. Tomás Rivas (Santiago, Chile, 1975). *Anatomía de una ciudad obtusa*, 2010. Exposição Contaminaciones Urbanas, 2010, curadoria Paul Birke.

Em síntese, a arte contemporânea produzida por artistas latino-americanos não é de manifestação imediata à lógica histórica e ao controle de memória que se refletem na realidade urbana – o mais evidente é a desordem dos eventos herdados. Poéticas visuais evocam sentimentos de identificação e reconhecimento. O fazer artístico contemporâneo presente na América Latina reafirma: a desconcertante profusão de “estilos”, formas, práticas e programas; a “incerteza” do que afinal permitiria que a algo seja classificado como “arte” (pelo menos do ponto de vista tradicional) e, a diversidade de materiais (ou suportes ou não-

suportes utilizados: tinta, metal, ar, luz, som, palavras, pessoas, animais, comida...). Difícil é a missão de recolher todos esses extratos e criar condições para a compreensão desta arte contemporânea latino-americana.

Referências

AJZENBERG, Elza (org.). **América, Américas – Arte e Memória**. São Paulo: MAC USP/PGEHA, 2007.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994 (Coleção Travessia do Século)

BARBOSA, Sylvia Werneck Quartim. **De Dentro para Fora: A Memória do Local no Mundo Global**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**, trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa, 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998 (Ensaio Latino-americano, 1).

CANTON, Katia. Tendências Contemporâneas: Questões sobre a Arte no Brasil e no Mundo Ocidental. In: AQUINO, Victor (org.). **Metáforas da Arte**. São Paulo: MAC USP/PGEHA, 2008,

FISHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1959.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JENCKS, Charles. **Post Modernism: the new classicism in art and architecture**. London, Academy, 1987.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LYOTARD, J. F. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. **Projeto História**, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias. **Poéticas da Memória: Maria Bonomi e Epopeia Paulista**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2008 (tese de doutoramento).

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

TIRAPELI, Percival. **São Paulo: Artes e Etnias**. São Paulo: Editora da UNESP/Imprensa Oficial, 2007.

TOMAZ, C. Memória e Emoções. **Ciência Hoje**, nº 83, agosto de 1992.

VILACA, Nízia. **Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Mauad/CNPq, 1999.